

# **A intersecção entre a realidade e ‘O Averso da Pele’, de Jeferson Tenório**

**Tatiana Salem Levy:**

**Eu estava ferida, profundamente ferida, porque é terrível ser discriminada, mas eu tinha quase certeza, ao contrário de Henrique, que a polícia ficaria do meu lado**

Valor Eu, 16/04/2021

Moro em Lisboa há oito anos. Isso significa, entre muitas outras coisas, boas e más, que, há oito anos, toda vez que me ponho a falar com um desconhecido, sinto que estou dizendo, antes de mais nada: “Olá, sou brasileira”. A frase sai na frente das outras, sem ser pronunciada, uma espécie de cédula de identificação. E eu sei que quem me ouve, ouve primeiro esta frase silenciosa, depois aquilo que quero dizer. É inevitável.

É claro que, no caso de Brasil e Portugal, antiga colônia e metrópole, países que tantas vezes receberam e continuam a receber imigrantes de um lado e de outro, não é raro que essa identificação venha acompanhada de estigmas, preconceitos e, muitas vezes, xenofobia. Pois bem. Há cerca de dez dias, eu estava à espera do metrô numa conhecida estação lisboeta quando fui avisada de que havia um problema técnico e o serviço seria interrompido. Questionei, então, como poderia reaver o dinheiro do bilhete que eu tinha acabado de comprar.

Como se eu tivesse pedido algo de outro mundo, o responsável me informou que isso não seria possível. Mas, justamente por saber que não só não se tratava de nada de outro mundo, como se tratava de um direito meu, exigi que o mesmo fosse cumprido. Nesses momentos, já nem penso no valor módico do bilhete, mas não consigo abrir mão de ver a justiça sendo feita. Zangado com a minha insistência e ansioso por demonstrar a sua pequena autoridade, o funcionário exigiu que eu saísse do metrô. Diante da minha recusa, ameaçou chamar a polícia. Muito ciente dos meus direitos, insisti para que o fizesse. Então ele arrematou: “Isto aqui não é Brasil”. E concluiu: “Não está satisfeita? Volta pra tua terra”.

Ora, a minha curta saída de casa tinha se dado numa pausa indesejada da leitura do romance “O Averso da Pele” (Companhia das letras), de Jeferson Tenório. Indesejada porque o livro é tão bem escrito, tão forte e envolvente, que eu só queria passar as horas seguintes deitada na rede, até chegar à frase final. E, de tão envolvida que eu estava, esse incidente no metrô de Lisboa de repente se tornou a intersecção entre a realidade e a ficção. Como se por uma hora - o tempo que ele durou - eu experimentasse na minha pele, por conta da

minha voz, um pouco do que Henrique, protagonista do romance, experimentou a vida toda.

Digo “um pouco” porque quando avisei ao funcionário do metrô que, de fato, eu só ia sair dali quando a polícia chegasse e, mais, quem iria chamar a polícia era eu, eu sabia que estava protegida. Tenho documentos portugueses, sou branca, professora universitária e podia contar com um advogado. Eu estava ferida, profundamente ferida, porque é terrível ser discriminada, mas eu tinha quase certeza, ao contrário de Henrique, que a polícia ficaria do meu lado. E quando a gente sabe que de alguma forma pode contar com a justiça a gente também sabe por onde a história começa. Mas Henrique é negro, vive em Porto Alegre, na região mais racista do Brasil. Mesmo aos 50 anos, professor há décadas, quando acha que nunca mais vai passar por isso, é abordado pela polícia, apenas pela cor da sua pele, enquanto espera uma carona para o trabalho. Então, ele se lembra, em forma de lista, algumas das dolorosas vezes em que foi abordado das formas mais violentas, sem ter cometido qualquer crime, suspeito desde o nascimento.

A polícia não está do lado dele. O Estado não está do lado dele. A sua pele é a primeira a chegar aos lugares, até mesmo quando ele está parado num ponto de ônibus ou passeando sem destino num parque. “Toda vez que você saía para caminhar, tinha a impressão de estar invadindo um espaço”, diz o narrador. É preciso então virar a pele do avesso para conhecer a si próprio; e, em seguida, contar a sua história.

Mas Henrique já morreu quando o romance começa. É difícil se manter vivo numa cidade, num país que te rejeitam. Numa cidade e num país que não te querem vivo. Então, ainda que ele tenha, sim, costurado uma narrativa ao longo da vida e ensinado na relação afetiva entre pai e filho aquilo que a falência institucional da escola não permite ensinar, a narrativa que lemos é a de Pedro, o jovem que arruma as coisas do pai morto. É a partir dos pertences de Henrique que a história se tece: “São esses objetos que vão me ajudar a narrar o que você era antes de partir. [...] Os objetos serão o teu fantasma a me visitar.”

“Estou reconstituindo esta história para mim”, diz Pedro, antes de concluir: “Sei que o tempo foi passando e o que foi dito por vocês, antes de minha memória, foi dito em retalhos. Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história.” Inventar no sentido da própria narração, da linguagem que se desdobra, que revira a pele, se espalha, ocupa as lacunas de um passado que ele só pode conhecer pela memória dos outros ou pela invenção.

Ao falar dos policiais que exercem uma prática de Estado genocida, Pedro afirma que eles “nunca saberão nada sobre o que você tinha antes da pele”. Em termos literários, fico me lembrando de Artaud e seu corpo sem órgãos, em toda uma corrente do século XX afirmativa da superfície. Dentro de determinada tradição ocidental pregadora da profundidade, é transformador exaltar a pele, em contraposição ao interior, à subjetividade romântica. Mas também é interessante pensar, hoje, que essa pele foi sempre branca. Que

quando a pele é preta ela repele, levanta suspeita, torna-se alvo. Quando a pele é preta, a pele branca muda de lugar no ônibus - ou vira a página do livro. Então, ela própria, a pele, tem que se tornar carne e sangue do texto. Revirar a pele do avesso não é simplesmente ver o que ela esconde, mas colocar a pele em contato com a carne. Portanto, para quem gosta de alegar que a literatura não é um tratado de sociologia, vejamos. O livro está repleto de temas “literários”: as descobertas da adolescência, a sexualidade, os conflitos das relações amorosas, o nascimento e a consolidação de uma amizade, a falta existencial, a perda de pessoas queridas, o luto. Tudo isso com um grande domínio da linguagem.

No entanto, todos esses temas que costumamos chamar de “universais” - porque falam de uma interioridade que seria comum a todos os humanos - são aqui tocadas por essa pele negra. Uma coisa é descobrir a sexualidade; outra é começar a namorar uma menina branca, sendo negro (Não posso arrancar minha pele preta, diz Henrique para sua primeira namorada branca). Uma coisa é perder um pai para uma doença; outra, para uma política de Estado. O chamado universal é tocado, ferido pelo específico. E o específico é uma ferida, uma dor.

Não seria justamente nessa especificidade que a literatura ganharia a sua força? Aquilo que só essa experiência pode trazer, só essa voz, só esse livro?

**Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente**  
**E-mail: [tatianalevy@gmail.com](mailto:tatianalevy@gmail.com)**